

## AÇÃO DE FORMAÇÃO

### HISTÓRIAS IGUAIS COM FINAIS DIFERENTES

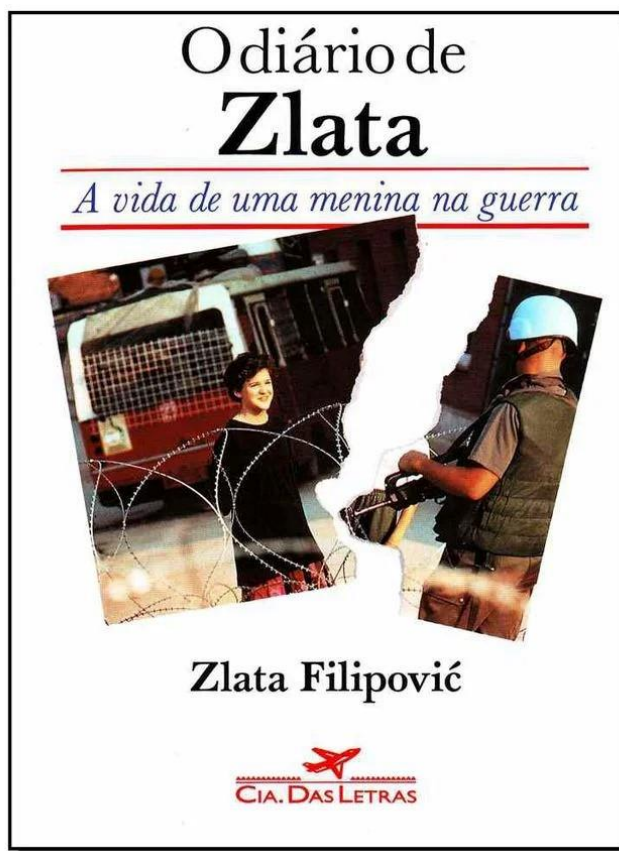
**FORMADORES:** Elsa Serra e José Saro

**FORMANDO:** Rui Manuel Martins Ferreira

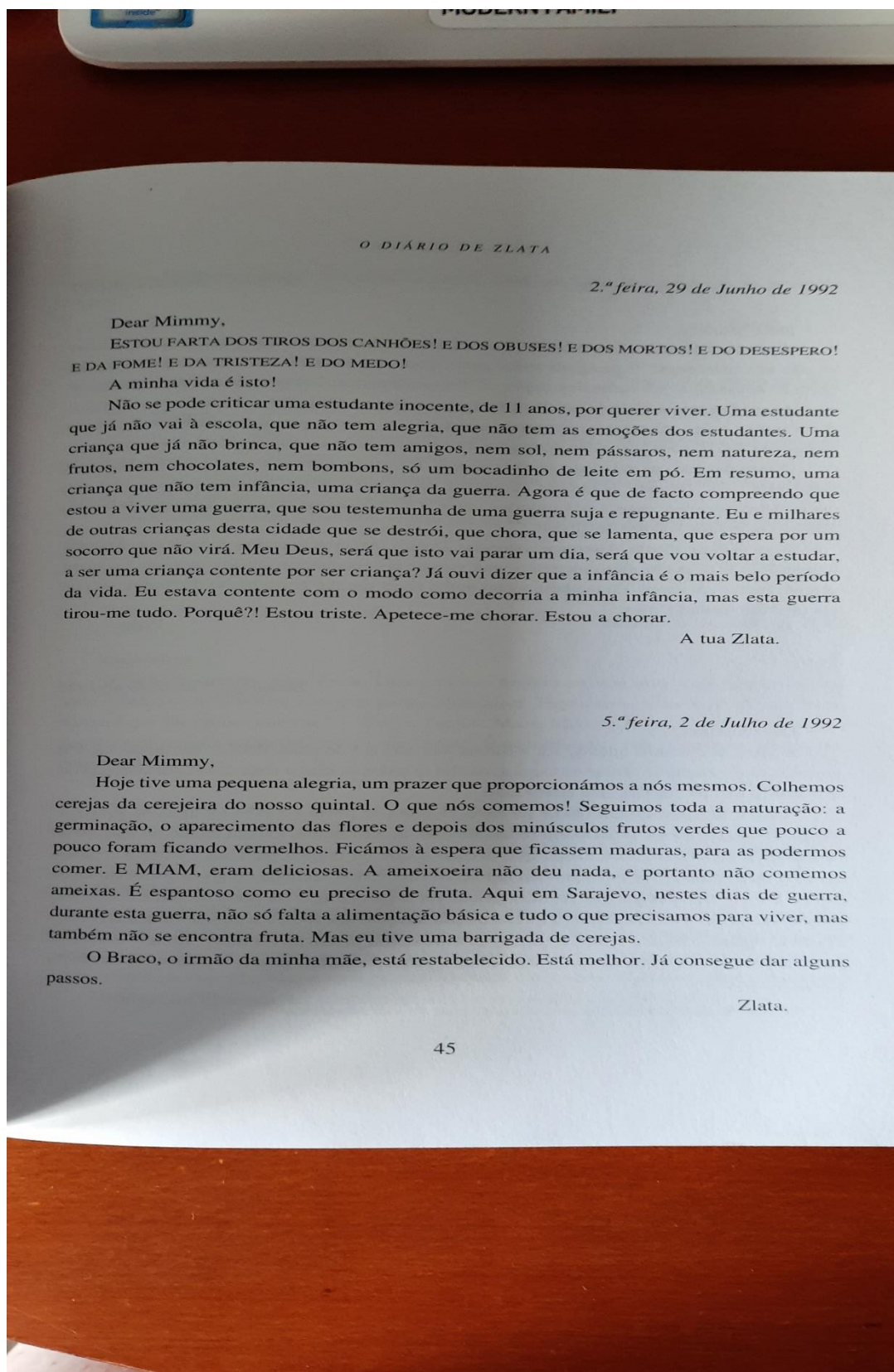
(professor de Português na Escola Secundária Padre António Vieira)

#### TAREFA 2 – 1ª parte

O livro que eu escolhi...



As passagens que eu escolhi...



Escolhi este livro pelo relato chocante/real de Zlata e esta minha escolha recaiu também devido às guerras monstruosas a que assistimos, nos nossos dias, impávidos e impotentes num século onde não faz sentido algum a existência das mesmas.

Em breves palavras: Zlata tinha 11 anos quando começou a escrever o seu diário em 1991, ainda antes da guerra. Nascida em Sarajevo, essa menina bósnia escreve a sua rotina, a sua realidade, os seus gostos, as suas fantasias e os seus sonhos até que eclode a guerra na sua cidade, em 1992, uma guerra civil fruto da desintegração do país onde ela nasceu — a Jugoslávia — transformando a sua vida inocente, alegre e despreocupada num caos onde se misturavam preocupação, medo e horror permanentes. A vida normal que Zlata levava é destruída impiedosamente e as páginas do diário revelam esse drama, mostrando o olhar da infância sobre a guerra.

As batalhas diárias dentro de Sarajevo transformam a compreensão temporal de Zlata. Todos os cenários e memórias do passado são destruídos gradualmente junto com as pessoas e com as paisagens que perecem no conflito. O futuro não existe mais quando a realidade se converte numa luta diária pela existência. O presente duro e sombrio converte-se na única marca temporal possível. A autora do diário é obrigada pela força das circunstâncias a amadurecer de forma repentina e acelerada, levando-a a pular etapas psicológicas de maturação no desabrochar da sua juventude. Uma maturidade precoce que ela não pôde alcançar por desejo próprio, mas sim pela força, o que configura uma das muitas violências existentes dentro da violência maior que é a guerra.

A escolha destas duas páginas de diário impressionaram-me muito: na idade da inocência, onde nada deve faltar, testemunhamos a privação total de tudo desta menina num ambiente de horror em tempos de guerra.

**Querer comer e não ter. Querer beber água e não a ter. Querer sorrir e estar proibida de o fazer. Querer rir e não ter motivos para tal. Querer chorar e isso sim...era o único direito que tinha: chorar, chorar, chorar muito... Querer respostas e não as encontrar... Querer viver e o *monstro da guerra* privá-la disso mesmo...**

Achei também muito curioso (tentar) estabelecer uma certa intertextualidade com a obra, *O Diário de Anne Frank* e cheguei à conclusão que muitas pessoas confundem *O Diário de Zlata* e *O Diário de Anne Frank*, porém, além de existirem semelhanças há também diferenças entre os dois diários.

**No que diz respeito às diferenças temos:**

- Zlata na época em que presenciou a Guerra de Sarajevo tinha somente 11 anos, diferente de Anne Frank, que tinha 13, ou seja, era mais madura para entender as causas da guerra.
- Diferente de Anne, Zlata teve de sobreviver, tendo raramente energia, água e gás.
- Zlata teve a oportunidade de sair viva da Guerra, já Anne não.

**Relativamente às semelhanças há a constatar o seguinte:**

- Zlata e Anne são garotas que, como não tinham amigos na guerra, escreviam tudo o que sentiam no seu diário.
- As duas escreviam no diário a sua visão sobre a guerra.
- As duas tinham que ser pacientes e calmas para esperar a guerra acabar.

Um outro excerto do diário que me sensibilizou profundamente e que não podia deixar de partilhar convosco:

*“Sexta-feira, 23 de julho de 1993*

*Dear Mimmy,*

*(...) Quer dizer que hoje o mundo inteiro vai me ver (graças a você, Mimmy, você sabe). Mas eu vou ficar olhando para uma vela. porque em volta de mim só tem escuridão. (...) Será que o mundo inteiro consegue ver o escuro que eu estou vendo? (...) Estamos em duas extremidades do mundo. Nossas vidas são diferentes. Eles vivem na luz, no dia. E nós, no escuro.”*

Pessoalmente, eu gosto bastante da metáfora que Zlata constrói neste texto, partindo do facto que a família não terá eletricidade para assistir à menina a aparecer na televisão. Acredito que este contraste entre a luz e a escuridão mostra bem a diferença entre a riqueza e a miséria. No filme “Parasita”, que aliás recomendo vivamente, o diretor também faz um contraste semelhante, utilizando mais luminosidade ao mostrar a família rica.



Em suma, ler este diário fez-me ver que preciso de continuar a lutar por um mundo menos desigual, em que todas as pessoas tenham acesso de forma igualitária aos bens necessários para a vida humana e tentar mostrar que a escrita do diário teve para Zlata um efeito

psicoterapêutico crucial que impediu que o seu mundo interno entrasse em rutura, num contexto potencialmente traumático.

Zlata foi exposta a uma extrema violência, algo irreconhecível para uma menina que se apresentava num quotidiano salutar e equilibrado, um quotidiano que a preenchia de bons objetos internos. Essa violência que a colocou numa realidade oposta, em condições desumanas, não seria objeto de representação psíquica se Mimmy não estivesse presente. A dolorosa experiência vivida pela escritora, embora de índole traumática pelas repercussões que deixou como pela aparente impossibilidade de assimilação, pôde ser integrada, pelo menos parcialmente, por Zlata já que a mesma optou por sublimar as pulsões que a invadiam a cada obus que caía à sua porta, a cada poça de sangue que via ao seu lado. Imaginamos, então, que a escritora moderou o seu sofrimento psíquico através da alteração do destino das suas pulsões, direcionando-as para um caminho chamado Mimmy em vez de se condenar ao sintoma.

Então, se a sublimação transforma o mundo interno questionamo-nos acerca do motivo pelo qual Zlata consegue aceder a este processo e outros tantos indivíduos, em condições semelhantes de conflito de guerra, não conseguem e sucumbem. Será que dependerá das variáveis do contexto em si ou da experiência acumulada do sujeito, dependerá de questões genéticas, educacionais ou meramente psíquicas? Talvez um conjunto de todas elas o que fará do ser humano um ser com características biopsicossociais e da escrita, enquanto processo criativo, um modo psicoterapêutico.

Termino esta minha reflexão com o título de um livro de Primo Levy, vítima do Holocausto, de 1986: “Os que Sucumbem e os que se Salvam”, enfatizando que Zlata Filipovic faz parte não apenas dos que se salvam, mas dos que se enriquecem no seio de experiências altamente dolorosas e traumáticas.



## UMA GALERIA DE HORRORES...



## TAREFA 2 – 2ª PARTE

### UMA PÁGINA DO MEU DIÁRIO

2ª feira, 26 de junho de 2023

Já é Verão. É-me difícil ficar quieto aqui em casa. O sol brilha tanto. Do outro lado da rua admiro as macieiras e florescem os lilases e logo tenho de ficar neste quarto sufocante, no vazio. Olha...que se lixe! Ainda esta semana tinham-me prometido uma viagem...sim, sim... só se for uma viagem até ao rés-do-chão. Conheci uma pessoa muito interessante, mas nunca mais a voltei a ver. Estes três dias passaram muito depressa. Não me apetecia nada voltar para casa, mas não tive escolha. Enquanto a cidade explode de alegria, de gente bonita, de cor, de vida ... eu para aqui enclausurado...e o papagaio da vizinha que não se cala... já pensei cá para os meus botões, ou o bicho se cala de vez ou vai parar à panela e depois convido a dona a vir jantar a minha casa para saborear uma espécie de faisão no forno (*faisan au four*)...Se isso acontecesse *partia-me todo a rir*...nem me podia sentar à mesa com ela... Estou horrivelmente entediado por agora, o dia é passado todo no meu quarto, não tenho nada para fazer...maldita gripe A...a não ser...pensar no belo do papagaio assado no forno com batatinhas e uns legumes salteados. Esta ideia veio dar, um pouco de alegria, ao meu dia e à minha pessoa...o Chico assado... acompanhado por um Don Pérignon *bien glacé*... pelo menos fez-me sorrir...pobre papagaio...

*À votre santé! À la Vie!*

